

## Memory and experience in feminist theology

*Emilie M. Townes*

Carolyn Williams Beaird Professor  
of Christian Ethics  
Union Theological Seminary,  
New York, USA

### RESUMO

A autora propõe uma Teologia Feminista a partir da experiência das mulheres negras, conectando memória e experiência. Ela parte da hipótese de que a memória pressupõe experiência humana, de forma a poder relatar uma história como “verdade verdadeira”. Ela afirma a importância de se fazer história dos negros e negras para se contrapor à história oficial escrita por aqueles que detêm a informação e o poder. Para ela, a teologia elaborada a partir da experiência pode dar rigor, precisão, ao mesmo tempo mostrando intencionalidade, cuidado, sistematização. Esta metodologia interconectada inclui as categorias de classe, gênero e raça. *Palavras-chave:* memória, teologia feminista, experiência, mulheres negras.

### ABSTRACT

The author proposes a Feminist Theology based on the black women's experience, linking memory and experience. She assumes that the memory presupposes human experience, in a way to make a history that can be a true true. The objective is to write the black people's history to go against the official history written by the ones that hold

information and power. She wants to affirm the importance of doing theology from experience and that only experience can give rigour, precision, intention, care, systematization. This interstructured methodology includes class, gender and race.

*Keywords:* memory, feminist theology, experience, black women.

The following is a conversation between the main character in Patrick Chamoiseau's novel, *Texaco*, Marie-Sophie and her father. Chamoiseau is a writer from Martinique. His novel chronicles the path to freedom of Martinique from colonial rule through the eyes of Marie-Sophie and her ancestors – slaves and former slaves Marie-Sophie records the words of her father:

In what I tell you, there's the almost-true, the sometimes-true, and the half-true. That's what telling a life is like, braiding – all of that like one plaits the white Indies currant make a hut. And the true – true comes out of that braid. And Sophie, you can't be scared of lying if you want to know everything...<sup>1</sup>.

And again, But legends are memories greater than memories<sup>2</sup>.

And then in response to this,  
So Idomenee would say: But what is memory?  
It's the glue, it's the spirit, it's the sap and it stays.  
Without memories, no City, no Quarters, no Big Hutch.  
How many memories? She would ask.  
All the memories, he would answer. Even those the wind and the silences carry at night. You have to talk, tell, tell the stories, live the legends. That's why.<sup>3</sup>

I want to focus on memory and experience in feminist theology. I link these two ideas because I believe that memory presupposes human experience – the real, the imagined, the manufactured.

\* Doutora em Filosofia pelo The Joint Garret – Evangelical Theological Seminary e doutora em Ministérios pela University of Chicago. Atualmente é professora de Ética Cristã no Union Theological Seminary, em Nova York, EUA.

1. Patrick Chamoiseau, *Texaco*, trans. Rose-Myriam Rejouis and Val Vinokurov (Vintage Books; Reprint edition, March 1998), 122.  
2. Chamoiseau, 176.  
3. Chamoiseau, 178.

Então, com a idéia de olhar para a verdade verdadeira que é encontrada nas memórias que são maiores do que memórias, eu quero me deter no que entendo do fazer teologia na perspectiva de uma mulher negra nos Estados Unidos. Primeiro deixe-me começar declarando o que é obvio. Eu tenho sido uma garota ou uma mulher negra a vida inteira. Isto não muda. Então em vários aspectos esta questão me leva a buscar o significado de fazer teologia. Segundo, deixe-me dizer que já comecei a fazer isso, à medida que iniciei esta breve discussão em respeito a memória e a história.

Começo questionando a crença de que existe uma posição objetiva em qualquer conceito teológico. A teologia está localizada na vida, na experiência e no testemunho daquelas e daqueles que fazem teologia. A teologia é a fala sobre Deus, mas, é uma fala *humana* sobre Deus. Isto significa que insisto em que nós reconhecemos o elemento humano na reflexão teológica. Podemos usar isto como uma força e não como algo a ser negado ou visto como uma fraqueza. A fraqueza está em não reconhecer o quanto de nossas vidas e nossas histórias é parte da reflexão teológica.

Neste ponto, deixe-me falar sobre o que entendo por experiência. Há muitas partes: vida cotidiana, histórias, memórias, folclore, cultura (arte, música, religião, esporte, humor, pensamento intelectual). Tomar a experiência como ponto de partida, significa fazê-lo sistematicamente, intencionalmente, cuidadosamente, precisamente, rigorosamente. Não é suficiente dizer "Eu penso que...". Tenho que ter capacidade de dizer exaustivamente porque penso isso. Um exemplo é o cristianismo evangélico dos Estados Unidos no início dos anos 1800. A população dos EUA estava sentindo-se marginalizada por causa da mudança da economia agrícola para a economia industrial. As pessoas estavam em busca de identidade e propósito. A religião e as comunidades religiosas ajudaram a diminuir a tensão e também ajudaram as pessoas a encontrarem o significado para suas vidas. Durante este período, uma

grande soma de dinheiro foi gasta para ajudar as congregações pobres formadas por brancos e iniciar novas igrejas com a classe trabalhadora da vizinhança.

Portanto, durante este período, havia diferenças entre negros e brancos no que se refere à conversão e à salvação durante este período. Os brancos, como regra, tinham experiências religiosas que estavam polarizadas entre o individualismo e a comunidade. Em seus mundos religiosos, criaram símbolos poderosos de pecado mundano (não dançar, abstinência – sexo, comida, bebida). Também havia uma forte ênfase no pecado original. Os escravos negros tinham uma experiência religiosa focada em uma celebração comum. Eles não enfatizavam o pecado original. Porém, eles oravam para serem libertos do pecado no contexto da escravatura. A experiência da brutalidade física e emocional da escravatura era mais efetiva do que a doutrina do pecado original em criar o auto desprezo. Um simples modo de pensar sobre como diferentes experiências de vida afetavam a visão religiosa e a teologia era que os brancos seriam destruídos e os negros ascenderiam.

Todos nós fazemos teologia a partir da experiência de nossos encontros com Deus em nossas vidas e na vida de outros. Isto era verdade para Tillich e Barth e Agostinho e Aquino. A diferença é que hoje nós reconhecemos que nossas tentativas para alcançar uma posição teológica universal ou objetiva é difícil e talvez impossível de alcançar. Isto significa repensarmos a razão pela qual fazemos reflexões teológicas e pensarmos cuidadosamente sobre as conseqüências de como falamos sobre Deus.

As teólogas negras nos EUA iniciaram a partir da experiência e da história dos negros nos EUA. Depois se detiveram na história e experiências das mulheres negras, dentro dessa experiência e história comum. Também levamos a sério as histórias folclóricas e os contos de mãe (senso comum). Isto nos tem levado a desenvolver uma metodologia teológica diferente das fórmulas

teológicas clássicas que começam com conceitos (ex: pecado, salvação, eclesiologia, graça).

Começamos com uma experiência para entendermos esta experiência. Usamos uma metodologia inter-estruturada que inclui classe, gênero e raça. Isto significa que a opressão se torna uma categoria teológica e um problema teológico que temos que entender. Opressão como categoria teológica é diferente de explorar a doutrina do pecado. É redefinir o objeto da doutrina do pecado no individual, no comunal, no estrutural e no nível pessoal. Ao invés de recorrer a dualismos antagônicos, procuramos o diálogo.

Portanto, entendo que se eu não fizer teologia pesquisando as memórias paralelamente à história do que significa para todos nós viver neste planeta, então estou cometendo um pecado. Nós estamos cometendo um pecado porque não respeitamos àqueles que vieram antes de nós e valorizaram suas vidas. Não damos o verdadeiro valor e dignidade que nossas experiências merecem. A verdade verdadeira não é encontrada em um conceito, em uma categoria teológica,

num grupo ou num período da história. A verdade verdadeira de incluir classe, gênero e raça como categorias teológicas significa que sou desafiada a pensar além das estreitas categorias que desenvolvo, daquelas que herdei ou daquelas impostas pelas doutrinas da igreja, ou confissões de fé. Isso significa que tenho que me abrir para aquilo que os outros têm a dizer sobre como Deus trabalha em suas vidas enquanto devo me colocar como responsável por falar, pensar e orar o mais completa e profundamente que puder, sobre como Deus trabalha em minha vida.

Se não valorizo devidamente as experiências como doutrinas ou afirmações de fé ou conceitos esotéricos, simplesmente faço o que tem sido feito por séculos em nome de Deus – oprimir as pessoas, suas culturas, seus valores e suas vidas. Viver num mundo de conceitos aos quais devemos nos adequar é não levar a sério que a revelação de Deus é contínua e que você e eu somos parte desta revelação, se dissermos que queremos ser fiéis.